

Prólogo: No Final

«O fim chegou depressa e não houve dor.» É o que, por vezes, o pai sussurra à mãe. Por vezes, é a mãe que sussurra ao pai. Do alto das escadas, Lucy ouve tudo e não diz nada.

Para bem de Lizzie, Lucy quer acreditar que o fim foi rápido e sem dor: um fim rápido é um bom fim. Mas não consegue deixar de se interrogar: «Como é que eles sabem?» O momento do embate deve ter sido doloroso, pondera Lucy. E se esse momento não tivesse sido nada rápido?

Vagueia até ao quarto de Lizzie e examina-o desanimadamente. A vida inteira de uma adolescente é uma colecção de bugingangas: um sutiã azul-turquesa atirado para cima do monitor de um computador, uma cama por fazer, um aquário cheio de minhocas, um balão já sem ar do último Dia dos Namorados, uma placa a dizer «Não Entrar» pendurada na maçaneta da porta, um par de bilhetes não usados de um concerto dos Machine debaixo da cama. No final, que significa tudo isto? E que importância tem? Uma pessoa é apenas um monte de tralha?

A única coisa que Lucy consegue fazer quando se sente assim é escavar. Escavar até esquecer tudo e todos. Escavar e atravessar o tapete cor-de-rosa. Escavar até alcançar o tecto do piso de baixo. Escavar até cair dentro do buraco. Escavar, escavar, escavar.

Lucy conseguiu finalmente levar por diante a sua escavação de limpeza quando Alvy (o irmão de sete anos) pega nela ao colo.

— Não te preocupes — diz Alvy. — Apesar de seres da Lizzie, há-de haver sempre alguém para te dar banho e de comer e te levar ao parque. Agora até podes dormir no *meu* quarto.

Sentada com um ar empertigado no colo demasiado pequeno de Alvy, Lucy imagina que Lizzie só partiu para a faculdade. Lizzie tinha quase dezasseis anos e, de qualquer maneira, era isso que aconteceria dali a dois anos. Os livros reluzentes já tinham começado a amontoar-se no chão do quarto de Lizzie. Esporadicamente, Lucy urinava num dos livros ou mordida e arrancava o canto de outro; mas, mesmo nessa altura, sabia que era inevitável. Um dia Lizzie partiria e nos dormitórios não permitiam a entrada a cães.

— Onde pensas que ela está? — pergunta Alvy.

Lucy espevita a cabeça.

— Estará — fez uma pausa — lá em cima?

Tanto quanto Lucy sabe, a única coisa «lá em cima» é o sótão.

— Bem — afirma Alvy, espetando o queixo para o céu em desafio —, eu acredito que ela *está* lá em cima. E acredito que há lá anjos com harpas e montes de nuvens fofas e pijamas brancos de seda e tudo.

É possível, pensa Lucy. Não acredita que depois de morrer a esperem campos onde possa correr em liberdade, nem que vá encontrar a ponte do arco-íris. Acredita que um *pug* não tem mais do que uma vida. Gostava de voltar a ver Lizzie, um

dia, mas não alimenta grandes esperanças. Mesmo que exista alguma coisa depois do fim, quem sabe se lá há biscoitos para cães ou sestas ou água fresca ou colos confortáveis ou até mesmo cães? E o que é pior: não é *aqui!*

Lucy boceja, principalmente por tristeza, mas em parte (verdade seja dita) por ter fome. Quando uma família perde a sua única filha, os horários das refeições de um *pug* podem tornar-se erráticos. Lucy amaldiçoa o seu estômago traiçoeiro: que espécie de animal é ela para sentir fome quando a sua melhor amiga morreu?

— Quem me dera que soubesses falar — diz Alvy. — Aposto que estás a pensar em alguma coisa interessante.

— E quem me dera que soubesses ouvir — ladra Lucy; mas Alvy continua a não entender.

No dia seguinte, a mãe leva Lucy ao parque dos cães. É a primeira vez que alguém se lembra de levar Lucy a passear, desde o fim.

A caminho, Lucy cheira a tristeza da mãe à volta delas. Tenta definir o que o cheiro lhe evoca. Chuva? Salsa? Uísque? Livros velhos? Meias de lã? Bananas, conclui Lucy.

No parque, Lucy limita-se a ficar deitada num banco, sentindo-se deprimida e sem amigos e (isto nunca vai acabar?) com alguma fome. Uma *caniche* chamada Coco pergunta-lhe o que se passa e, com um suspiro, Lucy conta-lhe. Como a *caniche* é uma reconhecida fala-barato, a notícia percorre rapidamente todo o parque dos cães.

Bandit, um americano dos quatro costados só com um olho que em círculos menos sofisticados seria denominado de rafeiro, oferece-lhe as suas condolências e pergunta-lhe:

— Vão pôr-te na rua?

— Não — responde Lucy. — Continuo a viver com a mesma família.

— Então, não percebo o que há de tão desastroso — responde Bandit.

— Ela só tinha quinze anos.

— E então? *Nós* só chegamos aos dez, quinze no máximo, e não nos vês muito afectados por isso.

— Mas ela não era um cão — ladra Lucy. — Era um ser humano, o meu ser humano, e foi atropelada por um carro!

— E então? *Nós* somos atropelados por carros todos os dias. Anima-te, pequena *pug*. Preocupas-te em demasia. É por isso que tens tantas rugas.

Lucy já ouviu esta piada muitas vezes e pensa, de uma forma algo antipática, já que Bandit não é má peça, que nunca conheceu um rafeiro com sentido de humor.

— O meu conselho é que adoptes outro bípede. Se vivesses a minha vida, saberias que são todos iguais, afinal. Quando se acabam os biscoitos, desapareço.

Dito isto, o Bandit afasta-se de Lucy para se juntar a um jogo de *frisbee*.

Lucy suspira e abandona-se a uma grande autocomiseração. Observa os outros cães que brincam no parque.

— Olha como cheiram os traseiros uns dos outros, perseguem as bolas e correm em círculos! Parecem tão inocentes!

— Pela ordem natural das coisas, um cão não deve sobreviver ao seu ser humano! — uiva Lucy. — Ninguém entende isso, a menos que lhe tenha acontecido o mesmo, e o pior é que ninguém parece querer saber.

Lucy abana a sua cabecinha redonda.

— É totalmente moralizador. Nem sequer me apetece enrolar a cauda. No fundo, o fim de uma vida só preocupa os amigos, a família e outras pessoas que conhecemos — choram a *pug*, muito triste. — Para todos os outros, é apenas mais um fim.